

Ao longo da vida, as pessoas passam por momentos marcantes que mudam tudo. Em 2020, a banda mineira de pop, rock e reggae Lagum — principalmente conhecida pela música *Deixa* — perdeu o baterista, Tio Wilson, morto em razão de uma parada cardiorrespiratória. Três anos depois, o grupo lançou o álbum *Depois do fim*, falando sobre perdas, com uma proposta mais densa, intimista e diferente do que os fãs estavam acostumados. Um sucesso, a turnê desse projeto foi gravada e integrada a produção audiovisual *Lagum Ao vivo*, lançada em 14 de dezembro de 2023.

Por que vocês decidiram gravar a turnê *Depois do Fim* e lançar um audiovisual?

Qual a diferença do Lagum no show, ao vivo, para o Lagum de estúdio?

Pedro: “A gente percebeu que, cada vez mais, o nosso show vai ficando mais pesado, mais energético. E, esse álbum *Depois do Fim*, por ter sido um dos mais intimistas e densos, traz todo um eufória do show. Então, a gente quis mostrar esse

lado mais energético, mais para cima. É uma turnê do *Depois do Fim*, mas a gente toca os maiores sucessos, com muito espaço para improvisação, para tocar as coisas que a gente gosta de tocar.”

Pedro: “A gente começou, durante a turnê de Depois do Fim, a fazer cada vez mais improvisos no palco, tocar músicas do primeiro álbum, coisas que a gente nunca tocava. Eu acho que isso é o reflexo de quando se está muito à vontade com um show. A gente evoluiu tanto nessa turnê que vimos muitas brechas e novidades que podemos agregar. Então, para Lagum Ao Vivo, a gente vai dar um “tapinha” no set list, improvisar cada vez mais e deixar o show mais energético. A intenção da nossa nova turnê é fazer a galera pular mesmo.”

Pedro: "Eu vi um podcast recentemente com o Zani e o cara estava falando que você entende que amadurece quando perde coisas que você gosta. E esse álbum é sobre um tanto de perdas, em vários aspectos. Eu acho que a gente evolui muito em cima dessas perdas. Elas são coisas que realmente botam a gente para frente e *Depois do Fim* trata dessas perdas, te põe em reflexão de para onde eu

Pedro: “Naquele momento em que a gente estava lançando *Depois do Fim*, a gente estava se sentindo como se estivesse fazendo uma coisa completamente nova ali. Era o primeiro álbum sem um baterista e a gente se entendendo como grupo depois de tantos anos de um mesmo formato. Acho que esse álbum é resposta para muitas questões, principalmente para mim, de perguntas que eu tenho na minha vida e, às vezes, tem uma coisa de premonição, de fazer uma música e três meses depois, estar passando por aquilo. Acho que o álbum tem letras que estão, pela primeira vez, de uma maneira intencional, muito direcionadas às minhas dúvidas e às minhas respostas.”

Jorge: “O álbum é muito importante porque ele precisava acontecer no momento em que ele aconteceu e da forma com que ele aconteceu. Nossa banda e a nossa relação vinha passando por mudanças e tudo que a gente precisava naquele momento era fazer música. A gente fez esse álbum e está sendo apresentado com tudo de bom, colhendo os frutos. Ele teve indicação ao Grammy Latino, levou a gente para fora do país. Então, a gente é muito grato a todos os processos, a tudo que a gente passou até chegar nesse álbum e no lançamento dele.”

Francisco: “A gente está com alguns ‘projietinhos’ aí escondidos embaixo da manga, coisas que a gente já vem fazendo nas internas, que vão coincidir com o nosso aniversário de 10 anos. Acho que a gente pode fazer (os aniversário de 10 anos) ser celebrado o ano inteiro, não só na data específica, 6 de junho, se não me engano.”

Jorge: “É um misto, porque quando a gente olha de uma óptica rápida e de como que as coisas acontecem atualmente, a percepção do tempo parece uma coisa muito rápida. Parece que foi um piscar de olhos e tudo aconteceu, mas ao mesmo tempo, vêm flashes do início da carreira, da gente parado na porta do estúdio que a gente costumava ensaiar e gravar música e, de repente, estamos aqui, com tudo isso acontecendo. Então é muito louco, uma carga de informação e de histórias e de vivências muito grande. Ao mesmo tempo, se olhar de outra ótica, do tanto que a gente evoluiu, por tudo que a gente passou e, finalmente, nas formas que a gente tá chegando, tanto de relação como de empresa, parece um tempo justo de como as coisas precisavam acontecer.”

***Estagiária sob a supervisão
de Severino Francisco**

